

VILÉM FLUSSER

O tema desta aula é a tentativa de pôr a descoberto aquilo que me parece ser a ética implícita no pensamento germanico, e explícita em muita filosofia informada por esse pensamento. Para tanto, permitam que cite um fragmento de um poema de Schiller. Chama-se "das Glueck", termo que podemos traduzir para o português por "felicidade" ou "sorte" ou "destino", de acordo com o contexto. O fragmento é o seguinte: "Aber nicht zwingt er das Glueck, und was ihm immer die Charis-neidisch geweigerterringt nimmer der strebende Mut.- Vor Unwuerdigem kann dich der Wille, der ernste, bewahren,- alles Noechste, es kommt frei von den Goettern herab." A tradução desses dois versos é altamente problemática e equivale, com efeito, à discussão que pretendo desenvolver nesta aula. O verso contém alguns dos conceitos que são, a meu ver, formadores da ética germanica, e a crítica dos versos deverá elucidá-los. Dou a tradução prima facie como segue: "Mas ela não força a sorte, e aquilo que a Charis, invejosa, recusou, nunca será alcançado pela coragem tendente. A vontade, a séria, pode preservar-te da indignidade. Tudo o que é sublime desce livremente dos deuses." O sujeito da frase que perfaz o primeiro verso é a coragem. O sujeito da frase que perfaz e primeira metade do segundo verso é a vontade. Começarei ~~na~~ discussão destes dois conceitos. Traduzi a palavra "Mut" por coragem. Essa tradução de um dos conceitos fundamentais do pensamento alemão é ridiculamente inadequada. O contrário de "Mut" é "Unmut", que é traduzido por "má vontade". Será "Mut" algo como vontade? Mas vontade é "Wille", e assim traduzísse termo no segundo verso. E existe a palavra "Mutwille", portanto "coragem-vontade" ou "vontade-vontade", mas que é normalmente traduzida por "intenção maldosa". Como vêm os senhores, é quase impossível penetrar o pensamento schilleriano com um intelecto informado pela língua portuguesa. Entretanto, é preciso fazer a tentativa, se realmente queremos compreender-nos a nós mesmos. Tentarei duas aproximações de dois ângulos diferentes. Mencionarei três derivados da palavra "Mut", a saber "Anmut" (proximidade da coragem, isto é graciosidade), "Grossmut" (grande coragem, isto é magnanimidade), e "Gemuet", (coragem, isto é disposição do espírito e da alma). E mencionarei a seguinte forma gramática: "mir ist zumute", que é uma forma totalmente intraduzível, mas que tem algo a ver com "sinto-me", como na frase "sinto-me bem", e também com "sinto-me", mas duvido". O que esclarecem estes dois ângulos auxiliares? Que "Mut", além de coragem, é algo como alma. É claro, dirão os senhores com um sorriso magnânimo (grossmuetig) e arrogante (ubermuetig, isto é supercorajoso). Pois não existe a palavra "ânimo" que é quase sinónimo de coragem. Mas cuidado. A alma que "Mut" significa não é a "anima" dos latinos. Senão como poderia o adverbio de "Gemuet" (alma se quizerem) ser "gemuetlich" (aonde a gente sente a vontade, isto é relaxed e cosy). Não, a coisa não é tão fácil. "Mut" tem algo a ver com alma, sem dúvida, mas com uma alma nada crista e nada latina. Com uma alma levemente suspeita e pouco respeitável. Com um aspecto bárbaro da alma, se me permitem exprimir-me desta forma. Schiller, o espírito clássico e pedagógico, sente claramente esse perigo obscuro que se esconde no "Mut" e no "Gemuet", embora não possa ter imaginado o seu fruto, o nazismo. Diz num outro poema "Mut zeigt auch der Mameluck, Gehorsam ist des Christen Schmuck" (Coragem, o mameluco também a tem, mas obediência é a distinção do cristão). A mesma disposição clássica e pedagógica, Schiller a demonstra também no verso que agora estamos analisando. Diz que a coragem tendente não pode forçar a sorte. Mas que termo curioso, "tendente", estou empregando para qualificar a coragem? É que me esforço por traduzir a palavra "strebend". A coragem tende, e essa tendência da coragem é com efeito um característico da alma que estamos discutindo. Goethe pensa que essa tendência que caracteriza a alma salvará a alma "Doch den, der strebend sich bemueht, den wollen wir erloesen" (mas aquele que se esforça tendendo, será salvo). Mas a língua inglesa esclarece de que tendência se trata. O equivalente de "streiben" em inglês é "strife", portanto luta e guerra. Schiller melhor que Goethe conhece este aspecto alemão da alma e sente calafrios (es ist ihm ungemuetlich zumute). Gostaria portanto ele equiparar o "Mut" germanico com a Hybris dos gregos, e é isto, com efeito, o que tenta fazer no primeiro verso que estamos discutindo. Diz que a dádiva dos deuses, Charis, é invejosa, e que o "Mut" que tende para força-la, não pode fazê-lo, porque ele é Hybris, portanto condenado. É interessante observar como num espírito clássico como Schiller os elementos gregos e germânicos se misturam, sem conseguir aliar-se. Porque no

VILÉM FLUSSER

cia dos valores germanicos sobre os do cristianismo. Antes de tirar uma conclusao das minhas observacoes sobre a contribuicao germanica para a nossa heranca como ocidentais, permitam uma curta referencia aqullo que passa por amor neste contexto. Na tradicao classica e o amor uma capacidade da alma ou do espirito de romper a prisao da individualidade. Amoras Deus sobre todas as coisas, este o amor judeu que une o homem com o que o transcende. O eros, tal como foi elaborado por Platao, e o daimon que conduz o espirito rumo a verdade, ao Bem e ao Belo. Mas o amor no contexto do pensamento ~~xieme~~ germanico e uma forma da vontade, quica a forma mestra da vontade. Nao e identico com o termo "amor", mas com o termo "libido" da lingua latina. Se vontade e corajem sao alma, entao o amor e a propria essencia da alma. Freud e, neste sentido, a expressao maxima da teoria do amor implicita dos germanos. Reparem os senhores como tradicoes sao enganadoras. Nao nego que o aspecto sexual e presente em todos os contextos nos quais o termo "amor" e empregado na conversacao do ocidente. O que pretendo salientar e a extrema sexualizacao desse conceito dentro do projeto existencial dos germanos. Se portanto traduzimos os pensamentos germanicos para linguas latinas, devemos sempre ter em mente essa carga sexual extrema que acompanha o termo "amor", e isto especialmente quando se trata de misticismo. Ha um elemento sexual nas especulacoes misticas germanicas, as quais, embora aparentemente cristaos, sao fundamentalmente barbaras e enquadradas naquele conjunto biologico do qual falei ha pouco. So assim podemos explicar o repentino surgimento de um misticismo brutal como o da raça.

Tentarei resumir o mundo dos germanos e a sua contribuicao para a cena da atualidade. Os germanos viviam um projeto totalmente diferente do dos povos do Mediterraneo, um projeto que tinha o corpo no sentido biologico por centro. O corpo e as suas funcoes eram a revelacao do sacro. Esse projeto chocou-se durante muitas centenas de anos contra o projeto cristao, primeiro em formacao, mais tarde em realizacao, no qual, pelo contrario, o sacro se revelava como aquilo oposto ao corpo. Os germanos representavam, nesse choque, a propria encarnacao do mal, o proprio anticristo. Embora tenham os germanicos subjugado praticamente toda a parte latina do Ocidente, nao conseguiram impor o seu projeto de vida aos povos conquistados. Pelo contrario, talvez pela profunda ruptura que existe dentro do pensamento germanico, ruptura entre vida e morte, mostraram os germanos que o projeto de vida cristao era o mais forte. Adaptaram-se superficialmente, e em processo muito penoso, a forma cristã de existir, ou, como dizemos, tornaram-se civilizados. Mas o projeto existencial germanico, embora vulneravel, e demasiadamente vital para ser eliminado mesmo por um processo historico de milhares de anos. Conservou-se durante toda Idade media, na forma da feiticaria, em certos aspectos do feudalismo, e em certas heresias, para citar somente uns poucos aspectos. A reforma, que pretendia ser uma reconstrucao de uma pretensa Igreja original, era com efeito um ressurgir do projeto germanico, exatamente como surge um complexo de maneira sublimada. A luta contra Roma e o movimento libertador dos germanos contra o jugo da vida romanamente civilizada. Com efeito, grosso modo sao hoje os germanos os protestantes. Mas o processo do ressurgimento do projeto germanico nao parou com a reforma. Lutando sempre contra a tradicao classica em seu redor e no seu intimo, e infiltrando-se no proprio nucleo do pensamento latino, expandia-se o projeto germanico no curso todo da Idade Moderna. O efeito dessa expansao e, no campo da religiao, a debilidade da Igreja que outrora representava o Ocidente. No campo da filosofia e o desvio da especulacao para o campo da experiencia vivida. No campo das ciencias e a dissolucao dos elementos estaticos e a dinamizacao da realidade. No campo da arte e uma progressiva romantizacao e sentimentalizacao, e, mais especificamente, e o surgir da musica como arte suprema do Ocidente. No campo da etica e da politica e a transferencia do poder para terras germanicas e uma progressiva pragmatizacao dos costumes. A tecnologia, que tanto caracteriza a atualidade, deve muitos dos seus aspectos ao projeto germanico, embora tambem elementos latinos dela participem. Em breve: o Ocidente, em sua forma atual, e muito mais germanico que cristao, pelo menos aparentemente. Nao creio que nos damos conta desse fato suficientemente, quando tentamos enalaisar-nos.

VILÉM FLUSSER

verso seguinte Schiller se desmente a si mesmo. Diz que a vontade séria pode salvar-te da indignidade. O que vem a ser essa vontade séria no pensamento schilleriano? Para compreendê-la, é preciso que nos lembremos da sua frase: "Ernst ist das Leben, heiter ist die Kunst" (séria é a vida, alegre a arte). A vontade séria não é aquela que cria arte, e a qual discutimos ao considerar o aspecto estético do pensamento germano. É a vontade como fundamento da vida. Mas em Schiller existe uma contradição entre vida e arte que não é típica do pensamento alemão, tal como foi explicitamente desenvolvido pelos românticos e encontrou sua expressão máxima em Schopenhauer e Nietzsche. Também neste ponto Schiller se revela clássico, isto é embuido do pensamento grego. Não obstante diz de maneira tipicamente alemã que a vontade pode salvar-nos da indignidade. O conceito da dignidade tem um papel relevante no século 18 e Schiller o usa como contrapartida da graciosidade (Ueber Anmut und Würde). Para ele é a dignidade a supressão dos instintos pela força moral do homem. Mas no verso que estamos discutindo Schiller revela, talvez malgrê lui, o que vem a ser essa força moral, a saber a vontade. Assim o pensamento germanico irrompe pela superfície clássica e articula-se imperiosamente. É a vontade séria que, para Schiller, suprime os instintos para salvar-nos da indignidade. O homem que não exerce essa vontade, é indigno, é um juguete dos instintos, é uma existência inautêntica, como diríamos nós modernamente. Mas também este contraste entre vontade e instintos é uma concessão que o clássico em Schiller faz à sua herança grega, judaica e latina. Este contraste, ele também, será eliminado pelo romantismo. Que este contraste é problemático para Schiller, o último trecho do verso o prova. Diz que tudo que é sublime desce livremente dos deuses. Esta frase é curiosíssima, porque estabelece uma dicotomia entre vontade e liberdade. A vontade age dentro do campo restrito daquilo que os deuses nos concedem, ela é portanto determinada por esse campo. A liberdade está além desse campo. Isto é um conceito da liberdade totalmente alheio à nossa herança latina, para a qual o exercício da vontade é a própria liberdade. Com efeito, é um conceito da liberdade que tem semelhança com o pensamento hindú, para o qual a liberdade reside no sufocar da vontade. Aliás Schopenhauer não recorre gratuitamente à Índia para formular a sua ética tão tipicamente germana. Essa tendência para uma passividade ética, para aquilo que chamam os alemães de "Kadavergehorsam" (obediência cadavérica), é um traço mestre na ética dos germanos. A glorificação da coragem e da vontade pode ser compreendida somente tendo essa passividade como pano de fundo. Repito, neste ponto do argumento, o verso de Schiller: "Mas ela não força a sorte, e aquilo que a Charis, invejosa, recusou, nunca será alcançado pela coragem tendente. A vontade, a séria, pode preservar-te da indignidade. Tudo o que é sublime desce livremente dos deuses." Repito ainda que o verso é tirado de um poema chamado "a felicidade". A nossa análise demonstrou como oscila Schiller entre dois polos, ao tentar formular o que é, com efeito, a sua ética profunda. Tenta desesperadamente conciliar o seu pensamento germanico com a herança clássica grego-judaica. Nessa tentativa cai de uma contradição para outra. Temos aqui em miniatura o drama do pensamento germanico no conjunto do Ocidente, e essa miniatura é um dos exemplos mais empolgantes e admiráveis desse drama, porque Schiller é, para mim, o pensador mais nobre que o povo alemão produziu. O que faz Schiller no verso que discutimos? Primeiramente opõe a coragem à felicidade. Depois define a coragem como vontade, e diz que ela evita a indignidade. Por fim opõe a vontade à liberdade. E tudo isto ele faz jogando com conceitos alemães carregados de segundos significados obscuros. Observem como se embrulha. Ao opor a coragem à felicidade, parece desvalorizar a coragem como hybris. Mas como "Mut" não é hybris, mas algo como alma, desvaloriza com efeito a felicidade. Se a coragem não pode forçar a felicidade, a felicidade que se dane. Agora Schiller parece concordar com essa ética do desespero, ao identificar coragem com vontade. A vontade nós preserva da indignidade. Ela assume feições do supremo valor, embora somente como vontade séria, isto é como força moral oposta aos instintos. Mas essa própria oposição entre vontade e instintos, Schiller não consegue mantê-la. Admitindo, como admite, que a vontade é determinada, e que a liberdade reside no além dela, identifica subrep-

VILÉM FLUSSER

ticiamente vontade com instintos, embora com instintos digamos "nobres". E de repente o supremo bem é aquilo que desce livremente dos deuses, portanto a felicidade. Não sei se Schiller sabia dessa profunda divergência que se articula no seu verso, mas nós, os testemunhos dos acontecimentos dos séculos 19 e 20, podemos avaliar essa divergência em suas consequências mais nefastas. Schiller é "das andere Deutschland" (a outra Alemanha), aquela portanto que se integrou no tecido do Ocidente. Mas não consegue suprimir em si, a despeito de todo esforço, "das wahre Deutschland" (a verdadeira Alemanha). E a consideração dessa autêntica germanicidade que dedicarei o resto desta aula.

Ao discutir a epistemologia germanica, salientei o conceito da verdade como fidelidade e defesa da autenticidade. Ao discutir a estética, salientei o conceito do belo como um esplêndido engodo. Ao discutir a ontologia, salientei o conceito da realidade como conjunto de processos que tendem a superar-se. O conceito do supremo Bem se enquadra nessa cena geral do pensamento. É, para falar muito ~~muito~~ superficialmente, a vida. É uma vida muito biológica, muito orgânica e muito animalésca. A palavra "vida" (Leben) e a palavra "corpo" (Leib) são da mesma origem e usa-se em alemão a expressão "Leib und Leben" (corpo e vida). Em inglês usa-se a palavra "body" como sinónimo de "pessoa" (anybody=qualquer pessoa). O biologismo que pervade todo pensamento germânico, informa também a ética à qual deu origem. Esse biologismo da bestia loira transparece nos conceitos que acabamos de discutir no verso de Schiller. A coragem da qual ele trata é o élan vital bergsoniano, é neste sentido a alma. A vontade da qual ele fala são os instintos, e essa vontade é idêntica a força moral; se for séria porque representa os instintos nobres, isto é aqueles destinados a manter e propagar a vida. A dignidade que tanto preocupa Schiller é a dedicação à vocação da vida. Mas todo este conjunto de valores, aparentemente tão pujante e saudável, tem como ponto de referência a morte, essa meta da vida. E esse ponto de referência problematiza todos os seus valores. A ética germanica, com sua insistência pragmática sobre a vida, é uma ética profundamente pessimista. Todos os seus valores são tão fugazes quanto o é a autenticidade da verdade, tão enganadores quanto o é o esplendor do belo, e tão fluidos quanto os processos que perfazem a realidade. Pois isto é justamente o característico de toda ética pragmática: a fluidez dos valores. Não se trata de uma fluidez histórica, na qual os valores se desenvolvem e completam, mas uma fluidez biológica, na qual os valores se adaptam erráticamente às exigências do lugar e do momento. "Recht ist, was dem deutschen Volke nuetzt, unrecht, was ihm schadet" (justo é o que favorece o povo alemão, injusto o que lhe prejudica). Ou, em forma um pouco mitigada, "right or wrong, my country".

Essa imagem que acabo de lhes propor da ética germanica, é uma simplificação extrema, e consegui elaborá-la sómente com um esforço de abstração violento. Nenhum pensador alemão ou inglês, nem mesmo Nietzsche e James, subcreveriam ela. E isto por duas razões diferentes. A primeira razão é a obscuridade dos termos germanicos, e em consequência do pensamento que neles se baseia. Essa obscuridade permite jogos e malabarismos que mascaram a estrutura profunda do pensamento, mesmo ante os olhos do próprio pensador que o formula. A segunda razão é o fato de nunca ter sido formulada a ética germanica em seu estado puro, porque sempre infiltrada por elementos cristãos que a modulam. Mas, embora nunca formulada, tem sido a ética germanica praticada com os efeitos conhecidos. Essa prática bárbara acompanhava a história do Ocidente durante a Idade média como corrente subterrânea e rperimida pela ética oficial da Igreja que se baseava sobre valores eternos. Mas a partir do renascimento essa prática surge sempre mais à tona e tende a dominar mesmo oficialmente a cena. Também no sentido ético os germanos estão dominando o Ocidente. É curioso que chamam a essa ética biológica de "humanismo". É verdade que se trata de humanismo, desde que identifique-mos germanicamente "vida humana" com "corpo humano" e "alma humana" com "instintos". Mas como ocidentais temos um conceito diferente do homem, por exemplo o conceito germanico do homem como imagem de Deus, ou o conceito grego do homem como medida de todas as coisas. Neste sentido aquilo que representa a ética atual certamente não pode ser chamado de humanismo. A decadência do Ocidente, da qual falei já repetidas vezes, tem também este aspecto: a progressiva predominan-

VILÉM FLUSSER

Devo concluir esta aula com uma palavra de cautela. Sou, como sabem os senhores, produto de uma sociedade que é extremamente ocidental no sentido como defini este termo. Sou de Praga. A cultura clássica prevalece nessa cidade fundada pelas legiões romanas, e sobre esse fundamento degladiavam-se germanos e eslavos. É uma cidade católica, na qual os judeus tiveram influência decisiva, e é a cidade na qual se deu a primeira reforma. É a capital do Santo Império Romano, mas fazia parte de Bizâncio e foi catequizada por gregos. Era a capital de uma República na qual o capitalismo liberal funcionava como talvez em nenhum outro país da Europa, e é agora a vitrine dos países socialistas. Talvez por isto estou extremamente sensível à variedade das influências que contribuem para a formação da mentalidade do Ocidente. Não creio que exagerei a importância dos germanos, mas é possível que os senhores assim pensem, já que os senhores são produtos de uma sociedade muito menos diretamente adubada pelos germanos. Essa palavra de cautela terá valor redobrado quando for tratar, na próxima aula, da influência dos eslavos. Afinal, Portugal tinha os seus godos, e seus ingleses, e o Brasil tem seus americanos. Mas tchecos, poloneses e russos não se encontram na sua história, pelo menos não na história do passado. Não obstante, diz um ditado que não se deve dizer: dessa água não beberei, e grande parte do Ocidente já bebeu da água eslava. Com esta referência aos eslavos, esses bárbaros post-germânicos, encerro as considerações da nossa herança germânica, para voltar a ela quando tratarmos da síntese deste curso.